

MOSTRA LITERÁRIA

A estrutura da obra

"Quarto de despejo: diário de uma favelada" é um livro em forma de diário, escrito por Carolina Maria de Jesus. A obra é uma compilação de diários escritos durante cinco anos da vida de Carolina, entre 1955 e 1960, e editados pelo jornalista Audálio Dantas, que fez uma seleção dentre as quase mil páginas escritas pela autora. Nessa seleção, escolheu os relatos dos anos 1955, 1958, 1959 e o primeiro dia de 1960.

Os diários foram escritos em cadernos velhos encontrados nos lixos da cidade de São Paulo e, diferentemente dos diários confidenciais, esses registram e denunciam o cotidiano de miséria, fome e violência da protagonista, bem como dos moradores da antiga favela do Canindé, com a intenção de um dia serem lidos. São relatos que mostram a negligência do poder público para com a população menos favorecida socioeconomicamente; os conflitos entre os moradores da favela; a luta diária pela sobrevivência, pelo pão de cada dia; além das questões ligadas ao momento político da época.

OS LIMITES ENTRE A PERSONAGEM E A ESCRITORA OU A VIDA IMITA A ARTE

Inicialmente, é muito importante que você faça uma distinção entre a autora e a personagem. Mas não é a mesma coisa? Não. Em toda obra literária, por mais que ela relate a sua realidade dos fatos, como é o caso da obra em estudo, existe o autor e a personagem (e às vezes um narrador), que podem ser pessoas diferentes ou a mesma pessoa, mas que ocupam papéis diferentes na narrativa. Por se tratar de um diário autobiográfico, temos de conhecer bem que foi a autora para compreender sua personagem - as duas se fundem obviamente, não há como desvincular a autora da narradora do diário, mas é preciso entender que o foco narrativo é uma opção literária.

CAROLINA MARIA DE JESUS é mineira, estudou apenas dois anos na escola, onde aprendeu a ler e a escrever e veio tentar a vida em São Paulo. Trabalhava como doméstica e morava na extinta favela do Canindé, a maior favela paulista. Nunca se casou, por opção; a vida a fez descrever em um relacionamento homem-mulher, mas tinha três filhos pequenos, um de cada pai: João José, José Carlos (cujos pais não conhecemos) e Vera Eunice (filha de um empresário o qual ela não revela o nome em seu diário a pedido dele, pois era casado e tinha família).

OS LIMITES ENTRE A PERSONAGEM E A ESCRITORA OU A VIDA IMITA A ARTE

A luta constante de Carolina era pela sobrevivência dela e dos filhos; tornara-se catadora de papel, metal e de qualquer outro material que pudesse vender em depósitos de reciclagem. Como nem sempre conseguia dinheiro para comer - por várias vezes manifesta que sua felicidade estava em ver os filhos alimentados, mas isso nem sempre era possível, em algumas ocasiões, catava comida nos lixos (ou seus filhos catavam) e levava para casa, e sempre ia no frigorífico catar ossos para cozinhar, fazer sopa, enfim, para dar um gosto à comida.

"O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais."

Era no lixo que Carolina achava também os cadernos em que escrevia seus relatos, poemas e canções.

O barraco

Carolina e os filhos moravam em um barraco muito precário e pequeno, cujo telhado era feito de papelões que apodreciam e, conseqüentemente, deixavam a água da chuva passar. Não havia infraestrutura, como água encanada, saneamento e estava cheio de pulgas. Sobre a energia elétrica, havia um homem que explorava todos os moradores da favela, cobrando pelos "gatos" e quem não pagasse as taxas que ele estipulava, tinha sua luz cortada - foi o caso de Carolina.

Água (não fica claro onde os moradores da favela conseguiam água). No diário, temos o registro de que todas as manhãs Carolina acordava bem cedo para pegar água - ia nesse horário para não encontrar as moradoras: "Deixei o leito às 5 e meia para pegar água. Não gosto de estar entre as mulheres porque é na torneira que elas falam de todos e de tudo."

Morar na favela

Sobre morar na favela, eis seu inferno: odiava aquele lugar, não pertencente àquele mundo, apesar de toda a sua pobreza. Queria uma casa para morar, longe dali. Com frequência, refere-se aos favelados em 3ª pessoa. Não gostava das pessoas e nem as pessoas dela: "Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo."

Além disso, em suas discussões, ela ameaçava sempre os vizinhos de que iria colocá-los em seu livro: "Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo o que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos."

Morar na favela

Sendo hostilizada pelos moradores da favela, a narradora conta que, muitas vezes, seus filhos eram maltratados e perseguidos por eles um deles o João, chegou a ser acusado de tentar violentar uma menina. Carolina descreve, por fim, que muitas vezes se metia em brigas dos moradores, como uma forma de tentar corrigir injustiças que ela via, mas era chamada de "fedida" pelos outros.

A rotina

A rotina de Carolina, narrada no diário, não modifica muito: acordar cedo para ir pegar água, catar papel, fazer comida, ler, escrever e dormir (e quase sempre acordar de madrugada com barulho de vizinhos).

O ato de ler e escrever

Mesmo tendo praticamente dois anos de estudo, Carolina se apropriou da escrita e utilizou-se dela como uma forma de resistência à ignorância e, depois, como ascensão social: "Mesmo elas me aborrecendo, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade."

A escrita e a leitura eram, para ela, uma forma de fugir da realidade: "Deixei o leito as 3 da manhã (...) para escrever. Enquanto escrevo, vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela."

O ato de ler e escrever

Além do escapismo, ler e escrever eram um vício: "Quando cheguei em casa era 22,30. liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem." Por ser uma pessoa de muitas leituras, percebe-se a intertextualidade literária do diário de Carolina aqui é - interessante verificar a oposição entre a escrita coloquial, popular e a erudita, pertencentes à mesma personagem: "Parece que este cigano quer hospedar-se no meu coração (...). Ele parece o Castro Alves. Suas sobrancelhas unem-se."

Em outra ocasião, ela observa sua filha Vera Eunice: "E eu pensei no Casimiro de Abreu que disse: 'A vida é bela. Ri, criança. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: Chora criança. A vida é amarga.'"

A violência na favela

A violência, na obra, aparece em todos os sentidos: física, moral, psicológica, violência doméstica, violência de gênero, violência racial. Para cada uma delas, apresenta-se uma situação rotineira dos moradores da favela. "Leila insultou um jovem e ele espancou-a. Lhe jogou no solo e um ponta-pé no rosto. O ato é selvagem (...)"

Também a maldade humana a partir do descaso com o outro é relatado por Carolina: uma das moças da favela foi pedir esmolas em uma casa; a dona prontamente deu-lhe um pacote fechado. Já em casa, quando ela foi abrir, havia vários ratos mortos. Outra vez foi com os filhos de Carolina, "ganharam uns pães duro, mas estava recheado com pernas de barata." E assim a maldade humana perpetua...

O suicídio: produto do desânimo

A morte e o suicídio são constantes nos relatos de Carolina. Durante a narrativa, muitas vezes o desânimo toma conta da personagem - por viver constantemente na luta e não ter o que dar de comer aos filhos - e ela pensa em cometer suicídio. "Hoje não temos nada pra comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó."

"Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E minha revolta é justa."

“ Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome." Mas a esperança sempre teima em aparecer, e é ela que posterga a morte.

Do anonimato ao reconhecimento

Em seus relatos, Carolina indica que conheceu um jornalista, Audálio Dantas, em 1958, que iria fazer uma reportagem na favela, mas que ficou muito interessado em seus escritos. Ele percebeu que a literatura da moça da favela era em tom de denúncia, algo inédito: a visão da favela de dentro da favela. Assim, alguns trechos de seus diários foram publicados no jornal "Folha da Noite" (em 1958) e na revista "O Cruzeiro" (1959). Mais tarde os relatos foram reunidos em livro, "Quarto de despejo: o diário de uma favelada", lançado em 1960.

Audálio Dantas entrou na história de "Quarto de despejo" como jornalista, repórter foi encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrou a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. A história da favela que ele buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco.

Do anonimato ao reconhecimento

CAROLINA MARIA DE JESUS foi uma mulher, negra, brasileira, pobre e escritora. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, numa comunidade rural, estudou dois anos em uma escola paga pela mulher de um fazendeiro, aprendeu a ler e a escrever. Migrou para São Paulo e passou a morar na favela do Canindé. Mãe de três filhos de pais diferentes que criou sozinha, catando papel na rua; se negou a ser dependente de qualquer homem. Embora tenha estudado pouco, aprendeu o suficiente para ler livros que encontrava no lixo e escrever um diário, contando sobre seu dia-a-dia e como enxergava o mundo a sua volta. Alguns destes diários foram publicados como Quarto de Despejo, metáfora criada pela escritora para se referir à favela em relação à capital. Embora escrito na linguagem simples e deselegante de uma pessoa sem muita instrução, seu diário foi traduzido para 14 idiomas e tornou-se um best-seller.

Personagens:

CAROLINA MARIA DE JESUS narradora e protagonista da história. Carolina é mineira e vem tentar a vida em São Paulo, onde vai morar na Favela do Canindé. É uma mulher negra, pobre, favelada, desempregada, e que tem amor pela escrita e pela leitura. Tem três filhos de pais distintos e trabalha como catadora para sustentá-los.

Audálio Dantas leu e logo viu: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela. Da reportagem - reprodução de trechos do diário - ele foi o responsável pelo que se chama edição de texto. Leu todos aqueles vinte cadernos que continham o dia a dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem. A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. Carolina viu a cor da fome a Amarela.

O espaço da narrativa: a favela

O espaço da narrativa é a extinta Favela do Canindé, localizada às margens do Rio Tietê, em São Paulo. "O cenário em que foi escrito o diário já não é o mesmo. Parte dele deu lugar ao asfalto de uma nova avenida, por coincidência chamada de Marginal. A Marginal do Tietê, que passa por ali onde até meados dos anos 1960 se erguia o caos semiurbano e subumano da favela do Canindé." (Prólogo Quarto de despejo)

Como a narrativa segue até o primeiro dia de 1960 (ano em que foi destruída), o diário relata rumores entre os moradores de que iriam acabar com a favela e, conseqüentemente, o medo de não terem para onde ir. A favela é apresentada pela narradora como uma analogia ao quarto de despejo: "A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo. "

O espaço da narrativa: a favela

Quando chegou a São Paulo, a favela foi o único lugar em que ela conseguiu se abrigar. Morava na rua A, barraco nº 9; sua casa foi construída com restos de tábuas e materiais de uma construção que havia ali próximo. Mas ela odiava aquele lugar. "Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo."

Interessante, porém, observar que a favela nunca saiu de Carolina, pois quando ela lançou seu livro e se mudou dali, a imprensa e a população em geral a reconheciam como "a escritora da favela". A partir do momento em que ela se mudou do barro para o asfalto (conseguiu comprar sua casa própria), Carolina foi abandonada, ou seja, o que interessava para a mídia era a favela. E até os dias atuais, o assunto da favela chama a atenção, mas está muito longe de ser amenizado.